

O NARCISISMO E SEU IMPACTO NA DEMOCRACIA

Sthephany Patrício Da Silva

Resumo

O artigo tem por finalidade a explicação de um fenômeno massivo em ascensão dentro do discurso político apresentado pelo campo ideológico da extrema direita. É utilizado como base e estopim a teoria psicanalítica para explicar qual a causa do narcisismo no contexto analisado e como ele se dá pelo próprio indivíduo, ou através outro, no bojo dos discursos políticos para haver reconhecimento no outro de si que levará a uma "formação de massa", como bem estudou Freud. Além disso, apresentado como peça final de raciocínio, busca demonstrar como a aderência aos discursos que comportam esses determinados conteúdos de viés narcísicos, ou de desdobramentos dele pelos sintomas e recalque, impactam na nossa democracia procedimentalista.

Palavras-chave: narcisismo; discurso político; persuasão; democracia.

Abstract

The article aims to explain a massive phenomenon on the rise within the political speech presented by the ideological field of the far right. Psychoanalytic theory is used as a basis to explain the cause of narcissism in the analyzed context and how it occurs by the individual, or through another, in the midst of political discourse to have recognition in the other of the self that will lead to a "training of mass", as studied well by Freud. Furthermore, presented as a final piece of reasoning, it seeks to demonstrate how adherence to discourses that contain these certain narcissistic-biased contents, or its consequences through symptoms and repression, impact our procedural democracy.

Keywords: narcissism; political speech; persuasion; democracy

INTRODUÇÃO

Desde 2013, quando começaram as especulações da candidatura de Jair Messias Bolsonaro a Presidente da República, notou-se a massificação de um discurso que se intensificou a partir da imagem de um "Salvador da Pátria" no combate à corrupção, com direito a inúmeras recepções em vários Estado do Brasil, apoiados no autodenominado "Messias".

A ascensão até o cargo de Presidente parece ser resultado de um entusiasmo popular na busca por um pai protetor/solucionador de problemas e um salvador dos princípios do brasileiro conservador: Deus, família e bons costumes, demarcando bem o lado direito da política. Desde o início do seu governo, cerca de 16 Ministros saíram do Ministério num contexto de crises internas de cunho ideológico e militar. Além

disso, a saída do ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, que foi pilar no discurso de combate a corrupção, resultou na investigação sobre as interferências do “Messias” na Polícia Federal.

Porém, o que mais chama a atenção é que mesmo com os escândalos de rachadinha e sem o selo “Moro” de idoneidade, os cidadãos apoiadores do “Messias” ainda saem em defesa, persistindo e emanando o mesmo discurso proferido por Jair, como um toca fitas riscado. Intrigante, pois todos enquanto seres humanos somos dotados de racionalidade, o que torna possível uma análise racional entre o que se escuta e o que se fala.

MATERIAL E MÉTODO

O presente artigo utiliza-se de pesquisa explicativa, buscando identificar o que (e porque) determinou o fenômeno do discurso político da direita desde o período do pleito eleitoral até o momento neste eleitorado. A pesquisa tem por base a revisão bibliográfica, pautando-se em livros, artigos e periódicos para explicar onde o narcisismo se encaixa dentro da democracia no contexto apresentado.

DO NARCISISMO

Para contextualizar, a origem do termo encontra controvérsias iniciais, até mesmo por Sigmund FREUD. Inicialmente, na obra “Introdução ao Narcisismo” o autor dispõe que a primeira aparição do termo “narcisismo” se deu em 1899 pelo psiquiatra alemão Paul Näcke - utilizado para se referir a conduta em que a pessoa dispõe de seu próprio corpo como se objeto sexual fosse na finalidade de alcançar satisfação plena através de atos com o seu “objeto” -- (FREUD, 1914;2010, p. 14). Posteriormente, em nota na edição da obra “Três ensaios de uma teoria sexual” FREUD retifica que a primeira expressão “Narcissus- like” (Tal como Narciso), que dá origem posterior ao termo tratado, foi manifestada por Havelock Ellis, em 1898.

O conceito psicanalítico em FREUD é articulado a partir do desenvolvimento infantil e dos investimentos libidinais. Desta forma, entende o autor que o narcisismo é um processo de desenvolvimento do indivíduo, fase que em que se verifica a passagem do autoerotismo (ação psíquica) para a escolha de outro ser

que se refere a objeto de amor, sendo assim possível a convivência com o diverso em razão dessa transição do Eu para o outro. Segundo o autor, os investimentos libidinais podem ser direcionados ao próprio ego ou aos objetos. Se esta for investida no ego, denomina-se de libido narcísica ou de libido do ego; porquanto, se investida nos objetos, denomina-se libido do objeto. Essa fase infantil que antecede a formação do Ego é marcada pelas relações objetais. FREUD conceitua de narcisismo primário a fase anobjetal onde a totalidade do investimento da libido dos bebês se dá em seu corpo, satisfazendo parcialmente suas pulsões. (FREUD, 1914;1974, p. 108)

A base do narcisismo primário se mantém no amor vindo dos pais e é potencializada através do encontro do narcisismo remanescente da figura do poder familiar e o narcisismo nascente do bebê. Quando a criança começa a ter percepção das demandas advindas do ambiente externo para o familiar, ao qual os pais também estão sujeitos, dá-se conta que não é tudo para seus genitores e há outros objetos permeados de desejos/vontades. Segundo Poulichet, ocorre uma ferida no narcisismo primário o qual o seu objetivo passa a ser agradar ao outro na finalidade de reconquistar seu amor, o que só consegue êxito no início do processo a partir do momento em que há exigências do ideal do Eu, denominada narcisismo secundário ou narcisismo do Ego. (POULICHET, 1989, p. 51)

É a partir da possibilidade de convivência com o diverso que nasce o narcisismo das pequenas diferenças, com núcleo na constituição do “eu”, do “outro” e do “nós” (FREUD, 2010, p. 19). Diante dessa noção de ambiente externo e impacto das relações, história e linguagem é que o sujeito se constitui, isso importa dizer que a linguagem faz parte do discurso na constituição do sujeito e é condição irreduzível para a descoberta e reconhecimento de si. (LACAN, 1992, p. 62)

Além disso, a partir da constituição do indivíduo para a formação do compromisso entre o sujeito, a política e a produção cultural do meio são fundamentais para a condição humana. O bem-estar do sujeito é sempre condição relativa que implica no sacrifício individual ou coletivo de suas pulsões em partes, pois o indivíduo está submetido, enquanto cidadão, às regras civilizatórias e punitivas estatais, sendo essa renúncia que torna possível a vida em sociedade. Desta forma, é impossível a promessa de satisfação plena de felicidade, proteção e segurança. (PASSONE, 2014)

Na obra “O Mal-estar na civilização” de 1930, Freud questiona se os homens revelam a finalidade da vida por meio de suas decisões e condutas e entende que essa finalidade está na busca pela felicidade e satisfação. Sendo o fato de estar em convívio civilizatório e as consequências das ações do indivíduo e do Outro sempre retornarem acaba por trazer infelicidade.

Segundo Ricardo GOLDENBERG, é essa impossibilidade do sujeito em se ter a satisfação plena que calca a qualificação do trabalho político, pois indica as condições possíveis de governar. Essa utopia causa vertigem aos indivíduos que acabam saindo à procura de um Salvador da pátria. (GOLDENBERG, 2006, p. 8)

Michel PLON, descreve que o discurso que desencadeia e envolve as grandes massas está relacionado ao narcisismo e ao Ideal do Eu e é esse Ideal que está ligado à figura do líder como objeto de identificação por parte das multidões. É na fonte libidinal do infantil sexual (inconsciente) que se encontra o cerne propulsor da identificação com a figura do líder e lhe confere a transferência amorosa à figura paterna. Aos que não compartilham dos mesmos ideais narcísicos desse grupo massificado é que se projetam a dimensão de ódio, tornando o grupo reprimido alvo de discriminação, preconceito, extermínio e segregação. (PLON, 2002, p. 150)

DO DISCURSO POLÍTICO A FORMAÇÃO DE MASSA E SUA CONSEQUÊNCIA

A categoria discursiva do discurso político mais adotado pelos sujeitos nesses últimos anos, conforme CHARAUDEAU (2010), parece ser uma junção de gênero e espécie das categorias denominadas pelo autor: discurso propagandístico e discurso promocional. Uma das características do primeiro tem a finalidade de incitar o Outro a crer em uma esfera coletiva, sendo habitualmente propagado por meios de difusão em massa. Além disso, a estrutura da narrativa é formada para causar uma carência (falta) a um objeto ideal, gerando a busca de um meio para que se alcance o objeto idealizado faltante, gerando assim um querer desejante ao sujeito que acaba por aderir a pauta discursiva. Já a segunda categoria, espécie do gênero primeiro, se sustenta através da legitimidade de princípios morais, estruturando todo o discurso na finalidade de reparar uma desordem ou um problema social para promover o bem coletivo.

Nesta seara, o discurso político possui uma lógica binária, sendo simbólico por parte da representação de um projeto de “sociedade ideal”, que emerge os valores que se pretende assumir, e um pragmatismo que se dá através de explicação dos meios que serão utilizados para reafirmar ou concretizar os valores dessa sociedade ideal.

Na finalidade de captar o maior número de sujeitos desejantes para fazer parte do eleitorado, o discurso político coloca em ideal de objeto que venham representar determinados valores que correspondem com as inquietações do público-alvo ao qual se dirige. Nesta venda de objeto ideal a finalidade não é necessariamente explicar as ações que serão tomadas ou, até mesmo, se há viabilidade para tornar real o objeto idealizado, mas sim buscar reconhecimento do Indivíduo no objeto, gerando afeição que refletirá nos ideais do Eu nos cidadãos. Os meios utilizados para essa captação se dão através de representações e imagens, evocando mitos ao imaginário que reverberam no espaço social.

É a partir dessa narrativa que se pode dizer que o discurso político é predominantemente persuasivo, pois o cumprimento do seu objetivo em captar o maior número cidadãos às suas proposições, o sujeito discursante se coloca na posição de poder para a realização das promessas feitas e persuadi-los pela afeição e compartilhamento dos mesmos princípios e valores como indivíduo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 78)

O pai da psicanálise, na obra denominada “Psicologia das massas e análise do Eu”, estudou o fenômeno conhecido como “*formação de massa*”, explicando que o aparecimento desta se dá de diferentes formas e durações e em grupos de diversos tipos. Em um grupo fascista, transfere-se a autoridade dos indivíduos para a figura do líder, induzindo e estimulando a formação deste fenômeno. Então, quando a massa está formada ela se torna volúvel, excitável, impulsiva, sente-se onipotente, não suporta o tempo entre seu desejo e a realização, e não aceita a impossibilidade, sendo a noção da impossível jogada ao vento pelo indivíduo na massa, diante a realização do seu desejo. Ainda, segundo Freud:

A massa é extraordinariamente crédula e influenciável, é acrítica, pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente... e não têm sua coincidência com a realidade por uma instância razoável. Ao se reunirem os

indivíduos numa massa, todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígio dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva. (Freud, 1921/2011, pp. 25-26)

Diante das características nota-se que o estado de natureza é aflorado de tal forma que o indivíduo que está inserido como parte na formação de massa não se utiliza do uso da razão, conseqüentemente não consegue ter um olhar crítico sobre o que está inserido. Pode-se dizer que o indivíduo na massa não é o sujeito kantiano, pois é persuadido e não convencido.

Ainda, segundo Freud em o “Mal-estar na Civilização”, a agressividade humana a partir desse estado tem por fator meio de sua inibição, as leis - no caso da democracia, a Constituição Federal e demais normas infraconstitucionais - que representam a expressão narcísica do ego. Porém, o narcisismo agressivo acaba por romper a própria repressão criada pelo sujeito (recalque) e quando manifesta o conteúdo reprimido publicamente, incentivado por figura política, a posição em que se coloca é acima das leis civilizatórias, até mesmo quando o conteúdo manifestado é aprovado por um grupo que identificou-se, acabam buscando pequenas diferenças nas relações com o Outro para tentar justificar a selvageria e incivilidade.

A inquietação dos demais sujeitos, que não são adeptos ao conteúdo manifestado, muita das vezes resulta no seguinte questionamento: Como o sujeito pode aderir a um discurso agressivo e, muitas das vezes, antidemocrático? Na linha teórica do pai da psicanálise, essa adesão ocorre pois o narcisismo tona o sujeito bem vulnerável à essa identificação com a figura paterna no líder de forma extremamente idealizada, ao mesmo tempo em que projeta essa agressividade reprimida através dessa submissão à figura de autoridade política.

Conforme a professora de psicologia da USP, Iray Carone, a síndrome narcisista “*é uma forma da subjetividade engendrada pelas tendências totalitárias das modernas sociedades de massas, que não foram enterradas sob os escombros da Segunda Grande Guerra.*” (CARONE, 2001). Desta forma, entende que há uma junção da escolha e percepção do que é escolhido como inimigo, havendo

incapacidade de discernimento pelo sujeito do que é projetado entre o que provém dele mesmo e o que é alheio a ele.

Diante a demonstração teórica pelo viés psicanalítico é notório que a ascensão das massas políticas de direita, desde o pleito eleitoral de 2018, encontram suporte fático nas descrições acima. Os indivíduos incorporados na massa seguem o líder político, a quem chamam de mito, messias, salvador da pátria, e acabam rompendo as barreiras dos recalques narcísicos, o que resulta em ataques às diferenças dos grupos que elegem como rivais (essas diferenças têm se mostrado de cunho ideológico, principiológico moral, religiosa, física, de gênero etc.). Esse fenômeno explica a referência agressiva constante direcionada aos negros, indígenas, pessoas LGBTQIA+, até mesmo as Instituição democráticas. Em alguns casos essa referência acaba por esconder um desejo inconsciente reprimido de ser o outro. O que gera o impulso de matar esse indivíduo como tentativa de matar o próprio desejo reprimido.

Para os que estão fora desse corpo massivo é nítido que o conteúdo desses discursos, comportados no indivíduo, anteriormente, nos seus desejos reprimidos, são antidemocráticos, pois, quando a agressividade é exteriorizada, ela tem a finalidade de extinguir alguns direitos fundamentais e, bem como explica o professor Paulo Ricardo Schier os direitos fundamentais são pressupostos de democracia que, na ausência do pressuposto ela deixa de existir. As instituições também se encaixam nesse conceito, pois funcionam como um sistema de freios e contrapesos. A incitação de um discurso que resulte na interferência em uma das instituições leva à ruína do sistema democrático de Direito.

Na obra “Como as democracias morrem” os autores demonstram que a subversão da Democracia se dá através de medidas com selo nobre intencional, tais como segurança nacional (discurso de ameaça de golpe comunista), combate à corrupção, repressão de ideias e políticas públicas de informação, conscientização e integração que não sejam do mesmo viés moral conservador.

Na maioria das vezes, essas medidas se dão de forma gradativa, tendo início através de discursos polarizadores e medidas simbólicas na finalidade de construir a ideia de ilegitimidade dos opositores. Posteriormente, busca-se a captura ou neutralização de instituições de controle como as Cortes Superiores, Tribunais de Contas, Procuradorias para retirar os seus membros mais independentes e possa preencher, na tentativa de substituição, seus aliados fanáticos. Segundo o procedimento, isso diminui as limitações e riscos que essas instituições democráticas representam aos objetivos autocratas.

Apesar de ser possível o reconhecimento dessas figuras políticas de ideias antidemocráticas, através de seus discursos narcísicos carregados de conteúdo reprimido e pulsão de morte, muito antes de sua ascensão ao poder essas figuras acabam sendo normalizadas até mesmo pelas elites políticas que neles vislumbram uma possibilidade de tirar de jogo seus adversários que lhe são incômodos. E é nessa pressa pela realização desses ideais que acabam sendo vendados os olhos para os riscos ao regime democrático. Se deliciam com os abusos e ações ofensivas aos seus adversários, não se dando conta da avalanche que pode os engolir no avanço do processo de ruína.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos políticos quando dão vazão a formação de massas sempre comportam os ideais dos indivíduos mais propensos a passarem de um estado de consciência racional ao estado de natureza, onde se encontra o desejo pela eliminação do que lhe é igual no recálque ou do que lhe diverso nas relações com o outro (demais indivíduos em sociedade). Nesta passagem do narcisismo primário para o narcisismo do Ego, ou secundário, pode haver conflitos na construção do indivíduo para si que pode desdobrar sempre na busca por algo ou alguém que lhe traga a falsa sensação de satisfação de seus desejos, proteção e legitime seus ideais. Porém, o desdobramento prático da manifestação pública de alguns ideais pode acabar por corromper todo o sistema democrático que o legitima. Deve-se respeitar as regras do

jogo para que todos possam continuar a jogar. Caso contrário, a bola fura e todos ficam à deriva do pior.

Referências

Carone, Iray. **A face perversa do narcisismo moderno**. Psicologia USP. 2001, v. 12, n. 1, p. 223-226

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **O sujeito do discurso: uma história de máscara**. Colóquio: FALE-UFMG, 2010.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 14.

FREUD, Sigmund. [2010] **O mal-estar na civilização**. (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

FREUD, Sigmund. [1914]. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 108.

GOLDENBERG, Ricardo. **Política e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 8

LACAN, Jacques. **O seminário livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 62

LE POULICHET, S. O conceito de narcisismo. In: NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, p. 47-73. (p.51)

LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. São Paulo: Zahar, 2018

PASSONE, Eric Ferdinando Kanai. Mal-estar na política: notas de psicanálise, educação e cultura. **revista Educação temática digital**. Campinas, SP. v,16. n.3 p, 513-531. set/dez. 2014.

PLON, Michel. Da política em O mal-estar ao mal-estar na política In: RIDER, Jacques Le; PLON, Michel. **Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud**. São Paulo, SP: Escuta, 2002. p, 150.

SCHIER, Paulo Ricardo. Direitos fundamentais, cláusulas pétreas e Democracia: Campos de tensão. Curitiba: **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**. 2009, v.6, p. 1-10.